

**REDEFININDO A RIVALIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DO  
CONTO “AS RIVAIS” DE MARIA BENEDITA BORMANN**

*REDEFINING FEMALE RIVALRY: AN ANALYSIS OF THE SHORT  
STORY “AS RIVAIS” BY MARIA BENEDITA BORMANN*

BORMANN, M. B. *Contos esquecidos*. Organização de Laila Thaís Correa e Silva. Campinas, SP: Asa da Palavra, 2022.

Carlos Daniel Araujo Monteiro FILHO<sup>1</sup>

Gabriel Gonçalves PRETO<sup>2</sup>

Rebeca Brito BARBOSA<sup>3</sup>

**RESUMO:** A resenha do conto “As rivais” inicia com a apresentação de fatores externos à obra, como a vida da autora e o contexto literário em que está inserida. Em seguida, desenvolve uma análise descritiva, destacando os principais aspectos técnicos do conto. Por fim, realiza uma análise interpretativa, abordando temas como a rivalidade feminina entre as protagonistas, gerada por um conflito amoroso; a comparação com o conto “A caprichosa”, também presente na coletânea; e o empoderamento feminino alcançado pelas personagens ao final da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira; Rivalidade feminina; Conflito amoroso.

**ABSTRACT:** The review of the short story “As rivais” begins by presenting external factors related to the work, such as the author's life and its literary context. It then develops a descriptive analysis, highlighting the main technical aspects of the story. Finally, it offers an interpretative analysis, addressing themes such as female rivalry between the protagonists caused by a love conflict, a comparison to the short story “A caprichosa”, also included in the collection, and the female empowerment achieved by the characters at the end of the narrative.

**KEYWORDS:** Brazilian literature; Female rivalry; Love conflict.

Nesta resenha, analisaremos e interpretaremos o conto intitulado “As rivais”, que faz parte da obra *Délia: contos esquecidos*, escrita por Maria Benedita Câmara Bormann. A obra reúne vinte e dois contos e possui trezentas e trinta e cinco páginas, focando principalmente nas questões femininas da segunda metade do século XIX, e abordando temas como feminismo, casamento e desigualdades sociais na realidade brasileira.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: araujo.monteiro@unesp.br.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: gabriel.g.preto@unesp.br.

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: rebeca.brito@unesp.br.

Maria Benedita Bormann nasceu no Rio Grande do Sul, mas foi no Rio de Janeiro que, em meio a um contexto político agitado pela movimentação dos abolicionistas e republicanos, lutou por seu espaço em uma sociedade machista. Juntamente com outras escritoras, ela se envolveu na criação de diversos jornais que promoviam a educação feminina então proibida, e seus textos foram publicados em periódicos, como *O Sorriso*, *Gazeta* e *O País*, que abordavam diferentes temas.

Desde o início de sua carreira literária, Bormann se incomodava com a representação estereotipada das mulheres nos romances, que eram majoritariamente escritos por homens, por exemplo, a figura de Capitu, criada por Machado de Assis, que é descrita unicamente por meio da visão de Bentinho e apresentada como uma personagem negativa e sedutora, cumprindo o estereótipo das mulheres literárias do século XIX. A crítica que ela fazia à forma como as mulheres eram retratadas na literatura alimentou seu desejo de oferecer uma perspectiva mais autêntica e complexa sobre a experiência feminina.

A fábula de “As rivais” começa com a apresentação da personagem principal Malvina e sua descrição como uma “mulher rainha” que está, no momento, envolvida na leitura de cartas, neste trecho: “Tem trinta anos; é alta, bem-feita, porte soberano, olhos cismadores, sombreados pela olheiras fundas, tez pálida, boca rasgada, porém mui graciosa no sorriso que lhe mostra os esplêndidos dentes: mulher rainha” (Bormann, 2022, p. 205).

Neste momento, o narrador é onisciente e intruso, falando em terceira pessoa. Com o desenrolar da narrativa, após a descrição da personagem, somos apresentados a Heloísa, a outra personagem principal da narrativa. Nessa perspectiva, Malvina passa a compartilhar seu ponto de vista sobre Heloísa, tornando-se a narradora protagonista em primeira pessoa, exemplificado por este trecho:

Heloísa! Quanta dor, quanto despeito, quantos zelos esse nome evocava! Com que extremos havia amado o ingrato que a deixava por essa outra, que talvez não a valesse, nem tanto a amasse! Ah! como ela desejaria que a espécie do animal-homem tivesse uma só cabeça, para esmagá-la com seus pezinhos frenéticos! (Bormann, 2022, p. 206).

Nesse mesmo trecho, ela revela o conflito dramático central da trama: seu marido a trocou por Heloísa, criando uma intriga entre as personagens e a situação. O uso de termos como “dor”, “despeito” e “zelos” demonstra a intensidade emocional que ela vivencia, refletindo uma crise pessoal. Dessa forma, a metáfora ao desejo de que a espécie humana tivesse uma única cabeça, que ela pudesse esmagar, indica um anseio por controle em meio ao caos emocional. Essa imagem revela seu desespero e a vontade de eliminar a fonte de sua dor, direcionada para Heloísa.

A história se intensifica e tem seu nó com o convite de Malvina para uma *soirée*<sup>4</sup>, palavra francesa que pode ser traduzida como festa ou uma pequena celebração, na qual Heloísa e Geraldo (ex-marido de Malvina) estarão presentes. Ao chegarem à festa, Malvina e Heloísa, desafiando as expectativas, sentem uma simpatia imediata

---

<sup>4</sup> substantivo feminino

festa, reunião social, sessão de cinema, teatro etc., que acontecem à noite.

uma pela outra, atingindo, neste momento, o clímax do conto. Com isso, a narrativa retorna à terceira pessoa, oferecendo uma visão externa e um narrador que possui conhecimento de todos os sentimentos e pensamentos das personagens. A partir desse momento, as duas personagens principais, Malvina e Heloísa, criam uma amizade, inicialmente motivada pelas opiniões que já possuíam uma sobre a outra e, por fim, com a identificação de vivências geradas por Geraldo, ambas são retratadas no conto com profundidade, mostrando suas fraquezas e forças. Assim, a narrativa revela não apenas suas ambições, mas também as inseguranças que as levam a um nível profundo de conhecimento psicológico das personagens.

Além disso, o texto é construído sem recuos temporais, mantendo uma linearidade dos acontecimentos, ou seja, ocorrendo do início ao final do dia. Segundo a definição de Franco Júnior (2003) as personagens principais são Planas com Tendência à Redondas, afinal, surpreendem ao romperem a barreira de ódio que deveriam sentir uma pela outra, mas segundo um quadro lógico de previsibilidade dos comportamentos sociais. Além de Malvina e Heloísa, também há a introdução de Geraldo, que assume um papel secundário na narrativa ao ser descrito apenas pelo ponto de vista das duas, cumprindo um grau de densidade psicológica Plana-Tipo, como neste trecho: “Como era sedutor aquele bandido de luva de pelica! Como sabia prender e encantar com os seus fingidos protestos, com os seus amuos, com as mentirosas lágrimas entremeadas de beijos febris e de soluços espasmódicos!” (Bormann, 2022, p. 206).

No conto, Geraldo é caracterizado como um homem sedutor e manipulador, cujas promessas e gestos amorosos eram carregados de falsidade. Ele utilizava de “protestos fingidos, lágrimas mentirosas e beijos febris” para prender Malvina, que ainda sente um abalo emocional desses momentos, mesmo após a traição e o término da relação. A ambientação é franca, ou seja, o ambiente é definido explicitamente pelo narrador, inicialmente na casa de Malvina e depois como a *soirée* que os personagens estão presentes.

Inicialmente, é importante ressaltar que o título da obra, “As rivais”, está implicitamente relacionado ao conceito patriarcal de “rivalidade feminina”, segundo Marcia Tiburi, no prefácio do livro *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*:

A rivalidade feminina é um mito criado e que é próprio da ideologia da dominação masculina que coloca essa rivalidade como algo naturalizado e tradicional para manutenção do poder patriarcal. Ou seja, a união feminina é um mal que se precisa evitar para que a ordem continue estabelecida e não seja questionada. Sendo assim, as mulheres naturalmente não podem estabelecer laços de irmandade e ajuda mútua por serem eternas rivais (Tiburi, 2016, p. 7).

Esse comportamento é identificado nas personagens ao início da narrativa, afinal, Malvina, antes de sequer conhecer Heloísa, já tem sentimentos negativos por ela, como no seguinte trecho da obra: “Heloísa! Quanta dor, quanto despeito, quantos zelos esse nome evocava!” (Bormann, 2022, p. 206), dor essa causada pelo conflito dramático.

Em “As rivais”, Malvina é descrita como uma mulher imponente e bela, mas marcada pelo desgaste emocional e pela desilusão, como no trecho:

Como a lembrança desses transportes, e que ele mais parecia mordê-la do que acariciá-la, ainda a eletrizava, causando-lhe calafrios de gozo, frêmitos violentos, em que todo o seu ser se dilatava vibrando em uma volúpia ardente e quase dolorosa! (Bormann, 2022, p. 206).

Neste trecho, ela experimenta um tipo de prazer doloroso em suas memórias de amor, revelando a ambiguidade, por meio de seus sentimentos que são descritos como antitéticos. A comparação com o "gozo" que ela sente é, na verdade, uma mistura de prazer e dor, sugerindo que suas lembranças são carregadas de um desejo não realizado e de uma traição que a deixou vulnerável. Há também nesse trecho a utilização de hipérboles, como "calafrios de gozo, frêmitos violentos", e o uso desses termos hiperbólicos enfatiza a intensidade das emoções, sugerindo que as sensações são quase insuportáveis. Além disso, seus sentimentos em relação a Heloísa são ambivalentes; ela alterna entre o desprezo e a curiosidade, como fica claro neste excerto: "Até que enfim vou conhecê-la!... Essa loura Heloísa tão falada, e por quem fui suplantada!" (Bormann, 2022, p. 205)., chegando a uma antítese nas descrições. Heloísa, por outro lado, é apresentada como uma figura suave e delicada, que, apesar de sua beleza, vive sob a sombra da rivalidade e do ciúme, como neste trecho:

— De quanta lágrima brotava o sorriso que eu lhe dava!... E era a sua lembrança, minha senhora, que me perseguia sempre, que tolhia as minhas expansões e arrefecia o ardor dos meus caminhos!... Verdadeira obsessão!... Um ciúme voraz, persistente, um suplício constante, em que esse abutre me devorava o coração!... Entre mim e ele, sempre a sua imagem!.. (Bormann, 2022, p. 209).

Analisando o trecho acima, podemos identificar várias figuras de linguagem que enriquecem o nível psicológico da personagem e contribuem para suas características, como na metáfora "esse abutre me devorava o coração", a qual simboliza uma presença opressiva e devastadora que não pode ser combatida, sugerindo que o ciúme consome emocionalmente a personagem ou a personificação dela na frase "a sua lembrança me perseguia sempre", a qual atribui características humanas às lembranças, tornando-as ativas e capazes de causar dor constante. Todos esses procedimentos são utilizados também para enfatizar as diferenças entre Malvina e Heloísa e, com eles, essa diferença torna-se fundamental para a compreensão das dinâmicas emocionais e sociais que permeiam o comportamento feminino descrito no texto. A diferença de personalidade das personagens deveria contribuir para a rivalidade esperada por elas, que é fundamentada pelo título "As rivais". Entretanto, quando se encontram e compartilham suas experiências, elas começam a perceber que, apesar das diferenças em suas personalidades, estão unidas por uma mesma motivação: o amor por um homem que as traiu e a dor resultante dessa traição, que fica explícito nesta parte da narrativa:

Calaram-se, revendo ambas a fase do passado que esse homem enchera de mágoas e dores, dando-lhes bem poucas alegrias, e deixando-as quase indiferentes, sem levar essa funda saudade que não se apaga nunca no coração

que amou com veras (Bormann, 2022, p. 210).

Essa compreensão mútua é crucial para o desenrolar da trama, pois é por meio dela que a autora subverte nossas expectativas, criando sororidade entre as personagens. Esse termo “sororidade” foi utilizado por muitas teorias feministas. Segundo Maciel (2019), no contexto do feminismo, “A ideia de sororidade trata da solidariedade feminista no combate à rivalidade e à competição pregadas pelo machismo e pelo patriarcado, inferindo a ideia de que juntas as mulheres são mais fortes” (p. 4).

A transformação de Malvina e de Heloísa de rivais para amigas exemplifica essa sororidade, pois elas não só reconhecem suas dores compartilhadas, mas também encontram forças na vulnerabilidade uma da outra, como no excerto final da narrativa:

— É o que lhe ia dizer! — replicou Heloísa — E de rivais que fomos, poderíamos tornar-nos amigas, visto não mais existir o que nos separa. Quer? — De todo o coração! — redarguiu Malvina, abrindo-lhe os braços e apertando-a de encontro ao seio (Bormann, 2022, p. 221).

Essa nova relação desafia os estereótipos femininos da época, que frequentemente apresentavam as mulheres como inimigas. Em vez disso, Bormann propõe uma visão mais esperançosa, na qual o entendimento e a empatia são capazes de curar feridas e construir laços. Nessa perspectiva, a autora trabalha com questões além dos estereótipos femininos ao apresentar a complexidade psicológica das personagens. O leitor do século XIX, ao deparar-se com esse procedimento ao iniciar sua leitura da obra, poderá inferir que a personagem principal provavelmente é um ícone de quebra de paradigma da época, já que a mulher do século XIX era normalmente descrita, na literatura, como conivente com os impulsos do amor e com seu papel de “cuidadora” do lar, além de alienada dos acontecimentos do contexto social, econômico e político do período em questão.

Assim como foi citado anteriormente, os contos de Maria Benedita Bormann frequentemente trazem à tona a noção opressora de relações amorosas e sociais, expondo as expectativas sociais que forçavam as mulheres a competir, submeter-se ou definirem-se unicamente pela validação masculina. Tanto em “As rivais”, quanto em “A caprichosa”, um outro conto presente no livro, Bormann (2022) mostra não apenas as formas que mulheres eram controladas e rotuladas, mas também como algumas delas encontravam formas de desafiar ou transcender essas imposições, ainda que por caminhos diferentes. Os contos “A caprichosa” e “As rivais” apresentam histórias nas quais vaidade, egoísmo e competição definem as dinâmicas entre personagens. No entanto, mesmo que um explore as nuances de uma relação amorosa tóxica e o outro foque na superação de uma rivalidade feminina, ambos oferecem um olhar crítico sobre as limitações e expectativas impostas às mulheres pela sociedade. Uma leitura mais aprofundada de “A caprichosa” nos permite perceber que a protagonista, embora descrita como arrogante e egoísta, não é a única responsável pela deterioração da relação, pois Alfredo, por trás de sua fachada bondosa, revela-se igualmente egoísta e obsessivo.

Em “A caprichosa”, a relação entre Yáyá e Alfredo é marcada por um ciclo

repetitivo de rompimentos e reconciliações, nos quais a moça procura estar em um relacionamento apenas para poder se gabar e ter um domínio emocional sobre o noivo. Yáyá se mostra arrogante e egoísta, tratando Alfredo como um meio para obter seus objetivos amorosos. No entanto, Alfredo, longe de ser uma vítima passiva, persiste na relação não por amor, mas pela necessidade de transformar Yáyá em uma conquista pessoal. Ele vê nela um desafio e deseja dominá-la, reafirmando sua masculinidade através de uma dinâmica de posse. Embora Yáyá possa parecer arrogante durante o conto, Alfredo se revela ainda mais problemático, pois não busca enxergar a moça como uma pessoa, mas apenas como algo a ser possuído e, mais tarde, descartado. A dinâmica entre eles não é de afeto genuíno, mas de uma disputa em que a vaidade e o poder pessoal se sobrepõem a qualquer sentimento verdadeiro. Entretanto, quando o relacionamento termina definitivamente, Yáyá é forçada a se afastar e a ruptura age como um catalisador para sua transformação interna, fazendo com que ela procure uma outra forma de se relacionar consigo mesma e com os outros.

Ambos os contos, portanto, apresentam personagens femininas que precisam lidar com os efeitos ruins da vaidade e da competição, mas fazem isso de maneiras diferentes. Enquanto Yáyá aprende a lidar com o término de seu relacionamento tóxico e busca uma mudança interna ao se afastar dos antigos padrões, Malvina e Heloísa superam a rivalidade e encontram uma nova forma de se relacionar por meio da amizade. O amadurecimento é, assim, um ponto comum nas duas narrativas, mas ele se dá por caminhos diferentes, sendo que, em “A caprichosa”, a transformação ocorre de forma mais introspectiva e individual, ao passo que, em “As rivais”, ela nasce do diálogo e da descoberta de um vínculo inesperado.

Essa temática torna-se ainda mais relevante quando consideramos que, apesar das mudanças sociais ao longo dos anos, a rivalidade feminina ainda é uma narrativa persistente na sociedade contemporânea. A história de Bormann serve como um lembrete poderoso de que as mulheres podem e devem unir-se, superando os sentimentos de ciúme e competição, para construir um futuro mais justo e igualitário.

Desse modo, o conto “As rivais”, por meio das figuras de linguagem, descrições vívidas e complexidade psicológica, não é apenas um conto sobre a rivalidade que está sendo desconstruída, mas uma celebração da complexidade feminina e seus sentimentos, para que, em uma chamada à ação, as mulheres reconheçam suas semelhanças em vez de se fixarem em suas diferenças. Assim, a obra de Maria Benedita Bormann permanece atual e inspiradora, ressoando com as lutas femininas de ontem e de hoje.

### **Como citar este artigo?**

FILHO, C. D. A. M.; PRETO, G. G.; BARBOSA, R. B. Redefinindo a rivalidade feminina: uma análise do conto “As rivais” de Maria Benedita Bormann. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 182–188, 2024.

### Referências

BORMANN, M. B. *Contos esquecidos*. Organização de Laila Thaís Correa e Silva. Campinas, SP: Asa da Palavra, 2022.

BUENO, B. M.; BAUER, N. V. Do romantismo ao realismo: uma análise sobre a complexidade feminina. *Linguística, Letras e Artes*, v. 28, n. 139, 15 out. 2024. DOI: [10.69849/revistaft/ra10202410151510](https://doi.org/10.69849/revistaft/ra10202410151510). Acesso em: 8 maio 2025.

FRANCO JR., A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIM, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003. p. 356.

MACIEL, L. B. *A representação da mulher por meio da sororidade e rivalidade construídas na produção seriada Big Little Lies*. 2019. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) — Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/2067>. Acesso em: 8 maio 2025.

MARIA BENEDITA BORMANN. *Mulheres de Luta*, 2023. Disponível em: <https://www.mulheresdeluta.com.br/maria-benedita-bormann/>. Acesso em: 22 out. 2024.

SOUZA, B. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.